

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

FILIPPE MOREIRA NOBRE

COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: CONTRIBUIÇÃO PARA A CIDADANIA
DOS IDOSOS

MACEIÓ

2023

FILIPPE MOREIRA NOBRE

**COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: CONTRIBUIÇÃO PARA A CIDADANIA
DOS IDOSOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na modalidade de artigo científico ao Curso de Biblioteconomia do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes da Universidade Federal de Alagoas (CBIB/ICHCA/UFAL), como requisito para obtenção do Grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Profº. Dr. Marcos Aurélio Gomes

MACEIÓ

2023

Eixo Temático (Gestão da Informação e do Conhecimento)

**COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: CONTRIBUIÇÃO PARA A CIDADANIA
DOS IDOSOS**

***INFORMATION LITERACY: A CONTRIBUTION TO THE CITIZENSHIP OF THE
ELDERLY***

Filipe Moreira Nobre – Universidade Federal de Alagoas – filipe.nobre@ichca.ufal.br

Marcos Aurélio Gomes – Universidade Federal de Alagoas – gomesbib@cci.ufal.br

Modalidade: Comunicação Oral

Resumo: Entende-se por competência em informação um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias à sociedade, notadamente às pessoas idosas. Neste sentido, a pesquisa discorre sobre a importância do contínuo desenvolvimento da competência em informação deste grupo social. O objetivo geral é compreender as suas necessidades informacionais e as dificuldades que as impedem de desenvolver continuamente a competência associada à informação. Pesquisa de natureza básica e abordagem quantitativa, e com relação ao seu objetivo é caracterizada como exploratória; com amostragem por acessibilidade e tendo como instrumento de coleta de dados o formulário com 14 perguntas que foram aplicadas a 19 participantes do conjunto residencial Graciliano Ramos, situado em Maceió/Alagoas. Conclui-se que os idosos pesquisados possuíam necessidades de informação diversas e tinham contato com algumas tecnologias, porém encontravam-se desmotivados diante das dificuldades físicas, cognitivas e da falta de incentivo, o que acaba muitas vezes dificultando o desenvolvimento da competência em informação, como também a inserção em uma sociedade intensiva em informação e no uso da tecnologia.

Palavras-Chave: Competência em informação; estudo de usuário; pessoa idosa.

Abstract: Information literacy is understood as a set of knowledge, skills, and attitudes necessary for society, notably for the elderly. In this sense, the research discusses the importance of the continuous development of information literacy within this social group. The overall objective is to understand their informational needs and the difficulties that prevent them from continuously developing the competence associated with information. The research is of a basic nature with a quantitative approach and, in terms of its objective, is characterized as exploratory. The sampling is based on accessibility, and the data collection instrument is a questionnaire with 14 questions that were administered to 19 participants from the Graciliano Ramos residential complex, located in Maceió/Alagoas. It is concluded that the surveyed elderly individuals had diverse information needs and had some exposure to technologies. However, they were demotivated due to physical and cognitive difficulties, as well as a lack of encouragement, which often hinders the development of information literacy as well as their integration into an information-intensive society and technology use.

Keywords: Elderly individuals; information literacy; user study.

1 INTRODUÇÃO

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) vêm continuamente transformando o comportamento da sociedade. Percebe-se que a transformação digital vem sendo incorporada intensamente nos serviços e produtos oferecidos tanto pela iniciativa privada como pela pública, impondo o enfrentamento quanto ao manuseio de ferramentas tecnológicas para a realização de atividades diversas. Tal realidade nos leva a refletir sobre os conhecimentos e as habilidades que determinados grupos sociais necessitam desenvolver para utilizar os aparatos tecnológicos para acessar, usar e comunicar informações na solução de problemas. Dentre esses grupos sociais, particularmente, encontram-se os idosos, grupo de interesse para esta pesquisa. O Estatuto da Pessoa Idosa considera como idosas as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos (Brasil, 2003), faixa que representa 15% da população do país e vem crescendo continuamente nas últimas décadas (IBGE, 2018). Mas esse grupo tem o conhecimento e as habilidades necessárias para se tornar autônomo no processo de busca e uso da informação? Tal questionamento permite indagar sobre a competência em informação da pessoa idosa.

Acredita-se que as mudanças impostas na forma de acessar informações pode contribuir ainda mais para a exclusão social do idoso. Pois inúmeros fatores sociais, funcionais, econômicos e cognitivos levam a crer que a pessoa idosa necessite de uma atenção mais específica para que possa desenvolver a competência associada à informação e, desta forma, adquirir independência relacionada ao acesso e uso da informação para o exercício de sua cidadania e construção de novos conhecimentos. Caso contrário, poderá ocorrer afastamento dessa população dos canais, fontes e suportes de informação, logo, impossibilitando a autonomia por meio do domínio das tecnologias, além de colocá-la em uma bolha em que as informações se tornam instrumentos utilizados por outras pessoas e são repassadas e não acessadas pelos idosos, de forma que a possibilidade de desenvolver competência em informação se torne cada vez mais distante e limitada.

Diante desse cenário, o objetivo deste trabalho é compreender as necessidades informacionais das pessoas idosas e as dificuldades que as impedem de desenvolver continuamente sua competência em informação.

2 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

A literatura das áreas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação vem progressivamente contribuindo para o entendimento e avanço da competência em informação (CoInfo) desde os anos 1970. Os estudos apontam que tal conceito – *information literacy* (IL) – competência em informação surgiu nos Estados Unidos naquela década e se desenvolveu em anos posteriores (Quadro 1), como também se espalhou ao redor do mundo.

QUADRO 1 – EVOLUÇÃO DA IL NAS DÉCADAS DE 80, 90 E NO BRASIL

Anos 70	Anos 80	Anos 90	No Brasil
- Surge a expressão <i>information literacy</i> apresentada por Paul Zurkowski. - O conceito abrange habilidades e conhecimento, como instrumentos para acesso à informação. - Percebe-se a importância da informação na vida em sociedade.	-As tecnologias de informação mudam a forma de acessar, produzir e compreender a informação. - Surgem duas questões importantes para a discussão: 1. inserção da <i>information literacy</i> no currículo das bibliotecas; 2. possibilidade de acesso às TDICs para ensino e exercício do acesso à informação. -O documento da Comissão Presencial sobre alfabetização informacional: relatório final traz definições importantes sobre o tema.	-Programas de educação voltados à <i>information literacy</i> são iniciados mundialmente. -Os profissionais da informação entendem a necessidade do aprendizado da utilização das novas TDICs. -É criado o Institute for information literacy da ALA – ACRL, que capacita bibliotecários e dá suporte a programas educacionais no ensino superior. -Publicação do livro <i>Information Power</i> (1998) auxiliou a assimilação do conceito. -Época marcada pela busca de fundamentação teórica e metodológica ao redor do mundo.	-Falta de uma política que se preocupe com o processo de ensino. -Belluzzo, Caregnato e Campello são destaques em pesquisas sobre o tema. -Presença de grupos de pesquisa registrados no CNPq que se dedicam à temática. -Crescimento de pesquisas (dissertações e teses) e publicações.

Fonte: Adaptado de Dudziak (2003), Belluzzo (2020)

Não se pode negar a participação fundamental da *American Library Association* (ALA) nessa trajetória como incentivadora por meio de eventos, políticas, publicações e práticas profissionais. No âmbito da educação, a ALA sustentava que “[...] as escolas e as faculdades avaliem e integrem tais conceitos em seus programas. Assim, a ALA assume uma posição baseada em uma dimensão educativa e aprendizado permanente.” (Gomes, 2016, p. 74-75). Neste sentido, a *Association of College and Research Libraries* (ACRL), divisão da ALA, apresentou uma definição clássica para IL – competência em informação, como a relevância de

[...] reconhecer quando a informação é necessária e tem a capacidade de localizar, avaliar e utilizar eficazmente a informação necessária [...] trata-se de uma reestruturação do processo de aprendizagem [...] baseada em fontes de

informação disponíveis para a resolução de problemas ao longo da vida.
(ACRL, 1989, p.1).

Todavia, verifica-se que há uma dispersão quanto ao termo mais apropriado ao associar as habilidades dos sujeitos vinculadas ao domínio dos recursos informacionais. Termos como “letramento informacional”, “alfabetização informacional”, “competência em informação” e “habilidade informacional” encontram-se presentes na literatura, entretanto, há uma inter-relação entre eles. No Brasil, registra-se que a precursora foi Caregnato (2000), ao trazer uma discussão sobre habilidades em informação no contexto das bibliotecas universitárias. Após vários debates em congressos, seminários e publicações, houve uma orientação para a comunidade científica brasileira de que adotassem o termo “competência em informação”. Diversos pesquisadores e profissionais vêm contribuindo de forma significativa para o avanço e consolidação da competência em informação no país.

Entende-se que aquele que busca a informação pode necessitar de tecnologias e fontes de informação para criar novos conhecimentos, porém, é necessária uma série de fatores e habilidades para que este consiga absorver e acessar a informação de forma eficiente e efetiva, e são esses fatores e habilidades que permeiam a competência em informação. Desse modo, nota-se que se trata de um processo cíclico, em que o aprendizado relacionado à informação traz como retorno ao indivíduo a capacidade de definir suas necessidades informacionais, buscando e acessando-as efetivamente, além de proporcionar critérios para avaliar essa informação, transformando todo esse conteúdo em conhecimento e aprendendo de forma contínua e autônoma. Estudiosos enfatizam a importância desse processo como requisito essencial não só para a formação básica/inicial, mas também como uma formação contínua, possibilitando que as pessoas possam ser mais reflexivas e investigativas. Para Beluzzo (2018, p. 15) “O simples acesso à informação não é mais suficiente. Buscam-se, então, formas e processos que permitam filtrar toda esta informação – avaliação crítica, critérios de relevância, pertinência, interpretação, organização.”.

Define-se a CoInfo, então, como a capacidade de mobilização de conhecimento pelo indivíduo para agir em determinada situação, conseguindo identificar a necessidade de informação, avaliá-la, buscá-la e usá-la com eficácia. Por consequência, o conhecimento torna-se funcional, passando de algo abstrato para um meio aplicável de resolução de problemas. A partir da nossa compreensão dessas informações e de como foram coletadas é que podemos

filtrá-las e classificá-las como importantes para o que desejamos saber, realizar, decidir, transformando as competências adquiridas no desenvolvimento de habilidades específicas. Diante dessas especificidades do desenvolvimento da competência em informação, é importante frisar que

[...] é sempre aconselhável contextualizar a CoInfo em um contexto maior de práticas de informação em geral, uma vez que ela envolve basicamente tais práticas, sendo que estas, por sua vez, acham-se social e culturalmente situadas, mediadas e construídas com outras pessoas em seus meios sociais e culturais, assumindo formas muito diferentes, dependendo do contexto. (Beluzzo, 2018, p. 27).

Nesse cenário, se inserem as pessoas idosas, logo, devem tornar-se objeto de atenção por parte dos profissionais da informação, pois elas são socialmente e culturalmente afetadas de forma incisiva pelas dificuldades impostas por condições diversas, diante do avanço das TDICs.

3 A SITUAÇÃO DO IDOSO NO CONTEXTO SOCIAL BRASILEIRO

No Brasil, é considerado idoso todo cidadão com idade igual ou superior a 60 anos (Brasil, 2003). Esses indivíduos constituem uma parcela significativa da população e, com o aumento da tecnologia e o avanço da medicina, a expectativa de vida aumentou consideravelmente. Na Tabela 1, podemos visualizar uma projeção da população idosa em 2023 e o aumento da mesma até 2030 no Brasil:

TABELA 1 – PROJEÇÃO DA POPULAÇÃO IDOSA EM 2023 E ESTIMATIVA DE AUMENTO ATÉ 2030

ANO	Projeção da população idosa brasileira (entre 60 anos e 90+)
2023	33.679.986
2030	42.122.847
Estima-se um aumento de 25%, entre 2023 e 2030, de pessoas idosas vivendo no Brasil.	

Fonte: Adaptado de IBGE (2018).

Envelhecer traz alterações na vida das pessoas, a resistência física já não está em sua plenitude, o psicológico destes indivíduos pode ser afetado de inúmeras maneiras e a sociedade, focada no capitalismo, entende que eles não são mais produtivos e os coloca de escanteio (Lucca; Vitorino, 2019). Para Mane e Paiva (2007, p. 4), “A aposentadoria passa a representar para alguns, a deterioração das pessoas, simbolizando assim a perda de um papel fundamental:

o de ser produtivo.”. Esta imagem social de improdutividade compele o idoso a se excluir do direito do exercício da cidadania, de forma que este chega a crer que nele não deve ser mais investido esforço social. No Brasil, o conceito coletivo de que produtividade e trabalho andam juntos e são indivisíveis traz ao idoso um sentimento de inutilidade que acentua sua falta de vontade em acompanhar as novidades que surgem a todo instante, em um mundo em constante mudança. Em nossa sociedade, podemos observar que

O lugar que a pessoa ocupa no sistema de produção reflete sua posição no sistema social, repercutindo em sua identidade [...]. É difícil a preparação para a aposentadoria. A reconstrução do cotidiano é demorada e não se processa de uma hora para outra. A aposentadoria causa uma fratura na interação social. (Guidi; Moreira, 1996 *apud* Maciel; Pessin; Tenório, 2012, p. 6).

Alia-se a isso o entendimento de que, quanto melhor a condição social, mais chances o idoso tem de poder ter uma qualidade de vida superior. Para enfrentar estes problemas e assegurar direitos, temos o Estatuto da Pessoa Idosa, que é um conjunto de leis que objetiva proteger os membros deste grupo social de todas (ou quase todas) as questões que os afligem como indivíduos inseridos em um meio social. Assim, verifica-se que

A pessoa idosa goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, **intelectual**, espiritual e **social**, em condições de **liberdade e dignidade**. (Brasil, 2003, grifo nosso).

Nesse sentido, um dos grandes meios para o desenvolvimento dessa dignidade e qualidade de vida é a possibilidade de a pessoa idosa desenvolver a competência em informação. Também se faz importante salientar que “[...] a população idosa é constituída por indivíduos cognitivamente ativos cujo aprendizado e acesso à informação devem ser encarados como processo constante para tomada de decisão.” (Santos; Almêda, 2017, p. 60).

O aprendizado da utilização das novas TDICs exige das pessoas uma veloz capacidade de absorção de novas formas de recuperar a informação, e isso é um problema quando se trata das pessoas da terceira idade. Estes indivíduos possuem, como apresentado anteriormente, dificuldades físicas ou cognitivas e, muitas vezes, as duas juntas. Tais dificuldades restringem o acesso dos idosos às tecnologias, tornam o processo de aprendizado do que é novo tortuoso. Para Prensky (2001), conforme citado por Santos e Almêda (2017, p. 59, grifo nosso)

[...] a sociedade atual é dividida pelos indivíduos nativos digitais e imigrantes digitais. De acordo com esse autor, os **nativos digitais** são os jovens que já nasceram no contexto das novas Tecnologias de Informação e Comunicação e, portanto, tem facilidades no que concerne ao seu uso e manuseio. De outro modo disposto, os **imigrantes digitais** são as pessoas que nasceram na época anterior ao advento das novas tecnologias, mas se interessam e usam essas ferramentas em algum momento das suas vidas, necessitando assim de migração e adaptação em cenários tecnológicos.

Essas pessoas são consideradas imigrantes digitais, pois, por grande parte da sua vida, essas novas tecnologias não existiam, o que acarreta dificuldades no uso das ferramentas tecnológicas e, conseqüentemente, na obtenção de informações, afetando diretamente sua competência em informação. Contudo, é necessário criar a consciência neste grupo sobre a necessidade de um contínuo desenvolvimento da sua competência em informação, de forma que possa acompanhar as novas tecnologias e saber utilizá-las de maneira autônoma (Santos; Almêda, 2017).

É importante a criação de mais iniciativas e de um olhar cuidadoso com os usuários da terceira idade, pois possuem uma grande contribuição cultural e intelectual para as novas gerações. Porém, as barreiras não são somente criadas pela sociedade, também se percebe que alguns idosos possuem uma certa resistência ao uso das TDICs. Conforme Vechiato (2010), citado por Santos e Almêda (2017, p. 62), “O problema é que o fato de querer vencer as barreiras pode colidir com o medo e resistência a essas tecnologias, não permitindo que o idoso consiga atingir seus objetivos.”. Essa resistência se dá por inúmeros fatores, nos quais não apenas os sociais estão incluídos. As dificuldades motoras podem afetar os idosos de forma a complicar o desenvolvimento de suas habilidades, por este motivo, acabam ficando reclusos em suas casas, sem interação social e sem praticar suas competências adquiridas durante o curso de sua vida. A falta de convívio com novas gerações (nativos digitais) e, na maioria das vezes, o afastamento do trabalho por meio da aposentadoria podem distanciar a necessidade do uso de novas TICs, seja para comunicar-se ou obter informações necessárias ao dia a dia. Kachar (2003) explica que

A geração mais nova tem intimidade e atração pelos artefatos tecnológicos, assimila facilmente as mudanças, pois já convive desde tenra idade, explorando os brinquedos eletrônicos e/ou brincando com o celular dos pais. Porém, a geração adulta e mais velha, de origem anterior à disseminação do universo digital e da internet, não consegue acolher extrair tranquilamente os benefícios dessas evoluções na mesma presteza de assimilação dos jovens. (Kachar, 2003 *apud* Maciel; Pessin; Tenório, 2012, p. 12).

Todas essas dificuldades exigem mais tempo do idoso para aprender a manusear as tecnologias digitais da informação e comunicação.

Diante dessa transformação no modo de vida e de convivência, é um fato que estes indivíduos precisam retomar as rédeas de suas vidas com o auxílio da tecnologia e enfrentar novos desafios de adaptação. É importante frisar que a “[...] interação dos idosos com as ferramentas tecnológicas viabiliza a qualidade de vida, a manutenção dos seus deveres sociais, a busca de novos conhecimentos e o exercício da sua cidadania na sociedade informacional.” (Santos; Almêda, 2017, p. 2). Os idosos têm sido desafiados a adquirir conhecimentos constantes, a fim de interagirem de forma autônoma com os dispositivos tecnológicos. (Tavares; Souza, 2012). Entende-se, então, a necessidade do desenvolvimento da CoInfo destas pessoas, assim, elas podem alcançar melhoras em sua qualidade de vida. O parágrafo 1º, do artigo 21 do Estatuto da Pessoa Idosa, afirma que “Os cursos especiais para pessoas idosas incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna.” (Brasil, 2003).

É importante frisar a necessidade de haver cursos e capacitações voltados a esse público, com metodologia adequada e objetivo de incluir pessoas da terceira idade. Nessa direção, vale ressaltar a pesquisa de Vechiato e Vidotti (2014), que discutem a pessoa idosa como usuária da informação. Para os autores, as unidades de informação e os bibliotecários

[...] podem atuar na melhoria de vida desses cidadãos, visto que [os bibliotecários] possuem competências para prover recursos e serviços de informação que atendam às suas necessidades informacionais [da pessoa idosa], buscando por um público que deseja ter uma longevidade aliada ao acesso à informação e à construção de conhecimento. (Vechiato; Vidotti, 2014, p. 98).

Logo, tudo indica que a ConInfo pode contribuir não só para o aperfeiçoamento intelectual, como também para a reintegração social destes indivíduos com suas famílias e outras pessoas, melhorando aspectos de sua saúde física, psicológica e social, trazendo de volta a autoestima e a cidadania.

4 METODOLOGIA

Pesquisa considerada de natureza básica, pois buscou-se gerar mais conhecimento relacionado ao objeto de pesquisa deste trabalho. Quanto à abordagem, se caracteriza como quantitativa. A pesquisa com tal abordagem possibilita traduzir os dados obtidos em números

ou porcentagens, visando obter algumas respostas iniciais propostas neste artigo. Com relação ao objetivo, trata-se de uma investigação exploratória, pois, conforme Gil (1989), busca-se obter uma visão ampla de determinado assunto, neste sentido, competência em informação e o nexos com a pessoa idosa. A pesquisa exploratória permite, de acordo com o autor, o levantamento bibliográfico. Neste sentido, utilizaram-se artigos e periódicos indexados na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci), no idioma português, no período de 2021 a 2023, necessários para a fundamentação teórica do assunto abordado. Quanto à amostragem, foi por acessibilidade, em que “O pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo” (Gil, 1989, p. 94). A coleta de dados foi realizada de forma aleatória, em julho de 2023, com um grupo de 20 pessoas idosas do conjunto residencial Graciliano Ramos, situado em Maceió/Alagoas. Foi utilizado como instrumento para coleta de dados um formulário confeccionado com 14 perguntas que permitiram uma comunicação simples, face a face, entre o pesquisador e o pesquisado (pessoas idosas), logo, tornando-se uma coleta rápida, eficaz e interativa.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O Conjunto Habitacional Graciliano Ramos foi construído em 1992, localizado no bairro Cidade Universitária, em Maceió/AL. A construção desse conjunto, conforme aponta Albuquerque (2023), atraiu moradores de várias partes de Maceió, bem como pessoas oriundas do interior de Alagoas. Todavia, não há dados estatísticos reais sobre a população idosa residente no mesmo.

Nesse sentido, buscou-se traçar um perfil dos participantes desta pesquisa. Foram abordados 20 indivíduos, porém, entre estes, 19 aceitaram participar. Verificou-se que, dos respondentes, 73% eram mulheres e apenas 26% eram homens, com idade entre 60 e 65 anos (78%) e de 66 a 70 anos (21%). Constatou-se a ausência de participantes acima dos 70 anos.

Quanto à formação educacional das pessoas idosas que participaram da pesquisa, verificou-se que a minoria possuía ensino superior (10%), enquanto a maioria havia terminado o ensino médio (63%) e ensino fundamental (26%). Os dados obtidos fazem parte de um retrato da população idosa no Brasil com relação ao nível de educação formal, pois a pesquisa Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade (SESC/SP; Fundação Perseu

Abramo, 2020) aponta que cerca de 50% da população idosa no Brasil, com idade acima de 60 anos, possuíam apenas o primeiro grau, ou seja, cursaram somente da 1ª à 8ª série. Com relação ao 2º grau, apenas 26% das pessoas idosas conseguiram completar e somente 12% da população idosa no Brasil conseguiram concluir o ensino superior.

Com relação ao exercício de alguma atividade remunerada, obteve-se que 10% dos participantes a realizavam de maneira informal. Tal fato permite inferir a necessidade de a pessoa idosa ter uma fonte extra de renda, além, provavelmente, da aposentadoria. Mas esse dado não parece ser exclusivo dos idosos residentes no Conjunto Habitacional Graciliano Ramos, uma vez que a pesquisa Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade, também registra que 25% entre os idosos no país ainda trabalham, no mercado formal ou informal.

Em relação ao reconhecimento das próprias necessidades de informação, todos responderam que conseguiam identificá-las. Durante a aplicação da pesquisa foi verificado que o entendimento sobre qual era a necessidade de informação variava. Percebeu-se que diversos fatores sociais, como a aposentadoria, diminuição do convívio social, a falta de estímulo social e financeiro, afetavam a percepção das necessidades de informação, conforme afirma o estudo de Maciel, Pessin e Tenório (2012), como também pelo conhecimento de mundo do indivíduo.

Dentro dessas necessidades, os três assuntos mais marcados pelos idosos como objetivo de pesquisa são, respectivamente: lazer/entretenimento/culinária, educação e política, como representados na Quadro 2.

QUADRO 2 – NECESSIDADES DE INFORMAÇÕES DOS IDOSOS

Assuntos	Ranking
Lazer/entretenimento/culinária (viagens, programas, atividades e diversão)	1º lugar
Educação (aprendizado, minicursos, estudos)	2º lugar
Política	3º lugar

Fonte: Dados da Pesquisa, 2023.

Os principais meios de acesso a essas informações, conforme os participantes, eram a **televisão** e o **celular**, utilizados diariamente pelos idosos. É importante entender que, por serem duas tecnologias acessíveis hoje em dia, tornam-se mais fáceis de serem manuseadas, diferente

de computadores/*notebooks/tablets*, por exemplo. No que diz respeito ao acesso à Internet, 73% responderam que sabiam acessar e utilizar no dia a dia e 26% responderam que não. Verificou-se que, em maior ou menor grau, todos os idosos participantes da pesquisa utilizavam a Internet em algum momento do seu dia, fosse pelo celular ou mesmo pela televisão conectada à rede.

A diferença entre acessar e saber utilizar se dá pelo fato de que, muitas vezes, o acesso à rede de computadores é automatizado, simplificado e direcionado por aplicativos específicos, tornando estas pessoas usuárias passivas. E, a partir do momento em que decidirem localizar a informação desejada por conta própria, provavelmente terão dificuldade de encontrá-la, diante dos diversos processos necessários para realizar a ação.

Nenhum dos respondentes indicou a utilização de bibliotecas como instrumento para obter informação, o que é preocupante, pois geralmente nesses espaços encontram-se os profissionais e os meios que possibilitam a recuperação e a mediação da informação e, desta forma, podem contribuir para o desenvolvimento da CoInfo. Isso aponta a necessidade da atenção dos profissionais da informação para gerar atratividade para as pessoas idosas, a fim de instigá-las a frequentarem estes ambientes, sendo de forma presencial ou remota. Neste sentido, concorda-se com Vechiato e Vidotti (2014, p. 98), quando sustentam que “[...] o trabalho do profissional da informação não é unilateral, ou seja, no sentido usuário – unidade de informação, mas sim bilateral, quando também se desloca em direção ao contexto de vida das comunidades e dos diversos grupos sociais, interferindo e transformando a vida das pessoas, cumprindo seu papel como mediador da informação.”.

É importante frisar que a falta de uma biblioteca/unidade de informação no bairro Graciliano Ramos contribui para distanciar os idosos destes locais. A biblioteca mais próxima se encontra na Universidade Federal de Alagoas, e a locomoção até lá é difícil e exige muito esforço das pessoas idosas, o que sugere a ideia de que a biblioteca possa vir a estas pessoas de alguma forma, trazendo informação e a possibilidade de interação entre elas.

Por fim, 26% dos participantes responderam que não sentiam vontade de aprender a utilizar as novas TDICs e 73% responderam que tinham vontade, porém existiam dificuldades físicas que os impediam de obter êxito ou achavam o processo de aprendizado difícil, o que os desestimulava. Esse dado é relevante, pois há um quantitativo de pessoas que buscam uma

educação digital. Assim, constata-se que tal fato reforça, mais uma vez, o papel social da biblioteca e

[...] da atuação do profissional bibliotecário na contribuição significativa para o desenvolvimento da competência informacional em indivíduos na terceira idade. Essa atuação pode ocorrer no âmbito dos cursos de informática de iniciativas governamentais ou privadas visando à independência, à qualidade de vida, à inclusão e à interação social desse público, no atual contexto informacional. Para tanto, são necessárias iniciativas, ações e políticas públicas que possam implementar essas estratégias, que podem contribuir significativamente para a inclusão digital e para o desenvolvimento da competência informacional na terceira idade. (Santos; Almêda, 2017, p. 66).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa foi possível constatar que as novas tecnologias digitais da informação e comunicação estão presentes na vida de todos nós, independentemente da idade ou do contexto social. Dessa forma, é necessário que os idosos também se sintam incluídos nesse meio digital, para que possam desenvolver sua competência em informação.

Por meio desta pesquisa foi possível depreender que estes indivíduos possuem necessidades em informação, e essa são específicas – lazer, educação e política. Como também foi possível elencar os meios mais acessíveis a eles, ou seja, aparelhos de TV e a Internet, além de compreender suas dificuldades de utilização.

Muitos partícipes desta pesquisa manifestaram interesse em uma aprendizagem relacionada às tecnologias digitais, todavia, não há no bairro uma biblioteca pública que possibilitasse essa inserção no universo digital. Os dados apresentam carência de espaços voltados à comunidade, tanto que somente “Em 2002, depois de muito apelo popular [...] foi construída a primeira praça pública do conjunto [...]” (Albuquerque, 2023).

Na contemporaneidade, praticamente todos os dispositivos tecnológicos têm acesso à Internet e há um grande fluxo de informações. A competência em informação permite que a pessoa idosa tenha capacidade de filtrar e identificar a relevância e a veracidade das informações, já que muitas vezes estas pessoas estão afastadas do convívio social em meio físico e compreendem sua comunidade através do mundo digital, seja pelos aparelhos celulares, televisores ou outros dispositivos.

Constatou-se também que há a necessidade de ações voltadas à inclusão digital destas pessoas, considerando sua capacidade de absorção de novos aprendizados e utilizando metodologias específicas para este grupo.

Por fim, acredita-se serem necessária novas pesquisas relacionadas ao tema, visando criar uma estrutura sólida de conhecimento sobre o assunto, a fim de evoluir e contribuir diretamente no que tange à competência em informação e a cidadania para grupos específicos e, em especial, para as pessoas idosas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, L. Graciliano Ramos: bairro da parte alta cresce e se torna novo polo gastronômico de Maceió. **Cada Minuto**, Maceió. Disponível em: <https://www.cadaminuto.com.br/noticia/2023/03/19/graciliano-ramos-bairro-da-parte-alta-cresce-e-se-torna-novo-polo-gastronomico-de-maceio>. Acesso em: 15 ago. 2023.

BRASIL. Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, Seção 1, p.2, 04 out. 2003.

CAREGNATO, E. O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 8, p. 47-55, jan./dez. 2000. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/11663/1/artigoRBC>. Acesso em: 5 jul. 2023.

DUDZIAK, E. A. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.18225/ci.inf.v32i1.1016>. Acesso em: 18 jul. 2023.

GASQUE, K. C. G. D. Competência em Informação: conceitos, características e desafios. **AtoZ**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 5-9, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://www.atoz.ufpr.br>. Acesso em: 27 jun. 2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, M. A. Da educação de usuários à construção de competência em informação no contexto das bibliotecas das universidades federais: um estudo a partir da Universidade Federal de Alagoas e Universidade Federal de Minas Gerais. 2016. 324 f. **Tese** (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-AE7G9N?show=full>. Acesso em: 10 jul. 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Em 2019, expectativa de vida era de 76,6 anos**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de->

noticias/releases/29502-em-2019-expectativa-de-vida-era-de-76-6-anos. Acesso em: 29 maio 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Projeções da População**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao.html?=&t=resultados>. Acesso em: 13 jun. 2023.

LUCCA, Djuli Machado de; VITORINO, Elizete Vieira. Competência em Informação e necessidade de informação dos idosos: o papel do profissional da informação nesse contexto. **Informação & Informação**, Londrina, v. 24, n. 1, p. 458 – 483.

MACIEL, P. C. da S.; PESSIN, Gisele; TENÓRIO, L. C. Terceira idade e novas tecnologias: uma relação de possibilidades e desafios. In: CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES, 2012. Niterói. **Anais...Niterói: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação Interdisciplinares em Sociais e Humanidades (ANINTER-SH)**, 2018, p. 1-22.

MANE, E. B.; PAIVA, E. B. **Necessidades de informação de idosos: pesquisa com o grupo de idosos “alegria de viver”**, sesc- pb. Biblionline, v. 3, n. 2, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/16727>. Acesso em: 29 maio 2023.

SANTOS, R. F. D.; ALMÊDA, K. A. O envelhecimento humano e a inclusão digital: análise do uso das ferramentas tecnológicas pelos idosos. **Ciência da Informação em Revista**, v. 4, n. 2, p. 59-68, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/36394>. Acesso em: 20 maio 2021.

SESC/SP; FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/publicacao/idosos-no-brasil-vivencias-desafios-e-expectativas-na-terceira-idade/>. Acesso em: 15 ago. 2023.

TAVARES, M. M. K.; SOUZA, S. T. C. Os idosos e as barreiras de acesso às novas tecnologias da informação e comunicação. **Novas tecnologias na Educação**, v. 10, n.1, jul. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/30915/19244>. Acesso em: 22 jun. 2023.

VECHIATO, F.L; VIDOTTI, S.A.B.G. Idoso como usuário da informação. IN: CASARIN, H.C.S (Org.). **Estudos de usuários da informação**. Brasília: Thesaurus, 2014. p. 97-127.